

Nos dias 9 e 10 de fevereiro de 2009, a Editoria da *Revista Estudos Feministas* foi convidada a participar da Reunião de Pactuação do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Essa iniciativa da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), em parceria com outras instituições públicas e com organismos internacionais e organizações da sociedade civil, pretende dar visibilidade, fortalecer e ampliar as ações do Estado Brasileiro para a promoção da igualdade de gênero e dos direitos das mulheres. O Observatório Brasil da Igualdade de Gênero está destinado aos movimentos e organizações da sociedade civil e, em particular, aos movimentos e às organizações feministas e de mulheres, assim como às autoridades de partidos políticos, aos sindicatos, aos/as gestores/as públicos/as, aos representantes políticos, aos centros de produção de conhecimento e às universidades.

Na reunião foram iniciados quatro grupos de trabalho: de indicadores, de políticas públicas, de legislação e legislativo e de comunicação e mídia, que começarão a atuar a partir de março para produzir material de referência e estabelecer uma metodologia de ação para o Observatório. Consideramos esta mais uma importante iniciativa da SPM, no sentido de procurar a continuidade das políticas que visam à igualdade de gênero e ao respeito à diversidade no Brasil. O Observatório será lançado oficialmente em 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

Uma novidade importante para a REF é sua disponibilização no Portal de Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina (<http://www.periodicos.ufsc.br>), onde já podem ser lidos diversos números da Revista, e estamos trabalhando para incluir toda a coleção nesse endereço eletrônico. No Portal também é possível consultar as normas para publicação e ainda submeter artigos totalmente on-line. A partir de 2009 todo o processo de editoração da Revista será aos poucos realizado através do sistema do Portal, administrado pela ferramenta Online Journal System, disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Este número da *Revista Estudos Feministas*, com um volume de páginas excedendo mais uma vez aquele que costumamos publicar, resulta de um esforço da equipe editorial da Revista para publicar textos que nos têm sido enviados e que, passando por todo o processo de avaliação por parece-

ristas *ad hoc* e pelas Editorias da REF, foram aprovados. Os artigos desta edição contemplam uma variedade de temáticas que estão em consonância com os debates políticos e teóricos do momento no campo dos estudos feministas e de gênero.

Já antecipando alguns dos temas tratados no dossiê deste número, João Bôsco Hora Góis apresenta um estudo sobre o acesso e permanência de mulheres brancas e negras no Ensino Superior no Brasil. Estudando a Universidade Federal Fluminense, o autor verifica a diferença implicada pela raça na ocupação, por parte das mulheres, de posições na hierarquia acadêmica.

O artigo de Claudia Fonseca, "Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco", problematiza a discussão em torno da adoção de crianças por casais lésbicos, trazendo para o debate questões como a legislação, o dinheiro e a tecnologia que envolvem adoções internacionais, bem como diferenças e valores culturais. Para isso, a autora parte de uma perspectiva antropológica, na qual o parentesco assume importante papel na estruturação das sociedades.

Ao estudar a experiência dos centros de planejamento familiar na Cataluña, entre 1976 e 1982, Sílvia Lúcia Ferreira mostra como esses centros tiveram importante papel na conquista de direitos relativos à saúde para o movimento feminista dessa região da Espanha. Através da análise de entrevistas, a autora traz para o debate as estratégias utilizadas pelos movimentos de mulheres e pelo movimento feminista para a obtenção de maior equidade de gênero diante do poder público.

Em outro artigo muito atual, Benedito Medrado e Jorge Lyra buscam apresentar uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades, apoiando-se em intenso debate teórico com autoras e autores que partem de uma perspectiva de gênero para analisar esses estudos no campo da saúde, sexualidade e reprodução. Num momento em que a discussão da Lei Maria da Penha tem levado a uma problematização da maneira como devem ser tratados os homens, especialmente os envolvidos com violência contra mulheres, essa discussão parece muito pertinente e deve suscitar novos estudos e perspectivas para a questão das masculinidades e seu relacionamento com as teorias de gênero e os movimentos feministas.

Em 2006, uma novela da TV Globo, intitulada *Páginas da vida*, apresentou muitos depoimentos de pessoas comuns, entre os quais gerou grande celeuma o de uma senhora que falou de sua sexualidade, afirmando nunca ter atingido com um homem, o orgasmo, o que ocorreu apenas através da masturbação, e bem tardiamente em sua vida. Apoiado nos estudos de Foucault e outros teóricos, o artigo de Marluce Pereira da Silva e Carmen Brunelli de Moura toma esse depoimento como mote para refletir sobre a constituição de subjetividades

femininas na mídia, mostrando como essas subjetividades são marcadas pela figura da anormalidade.

Na seção Ponto de Vista deste número, temos dois textos instigantes. O primeiro, "Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens", da conhecida autora feminista estadunidense bell hooks, proposto e traduzido por Carlianne Paiva Gonçalves, Joana Plaza Pinto e Paula de Almeida Silva, reflete sobre a linguagem como instrumento de subjetivação e opressão.

Para completar a seção, Suely Kofes publica um ensaio bastante denso em que faz um contraponto entre duas autoras clássicas dos estudos feministas, Simone de Beauvoir e Donna Haraway, analisando como estas autoras refletem sobre a necessidade de se ultrapassar a biologia para compreender a construção de identidades, sejam de mulheres, sejam de ciborgues.

A cada ano, as Editorias da REF se organizam com o plano de produzir, além das seções de artigos, resenhas e ponto de vista, a intercalação, nos três números do volume da revista, uma seção de artigos temáticos, uma seção debates e um dossiê temático. Excepcionalmente, neste volume 16, foram apresentados dois dossiês, o primeiro sobre aborto, publicado no número 2, organizado pelas próprias editoras de dossiês da Revista, em função da atualidade continuada e renovada das polêmicas sobre o tema, e o segundo, neste número, sobre os 120 anos da Abolição da escravidão no Brasil, processo caracterizado pelas apresentadoras, autoras e autores como ainda inacabado. Esse dossiê foi proposto por Matilde Ribeiro em novembro de 2007 na UFSC, quando estiveram reunidas as comissões editoriais e integrantes do Conselho Editorial da Revista para a avaliação/comemoração dos 15 anos de publicação da REF. A proposta foi alvo de muitas discussões entre as presentes, que optaram por aceitá-la, para a publicação do dossiê em 2008, data que marcava os 120 anos da promulgação da Lei Áurea, que aboliu a escravidão no país.

A apresentação do dossiê por suas organizadoras, Matilde Ribeiro e Flávia Piovesan, inicia-se com a referência a um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), prevendo que já em 2010 a população do país terá maioria absoluta de negros; porém, garantidos os rumos das políticas públicas sobre a questão da igualdade racial, a equiparação da renda entre negros e brancos levará pelo menos 32 anos para se efetivar. Assim, os artigos apresentados no dossiê discutem as persistências históricas das marcas de discriminação e exclusão que transformam as diferenças étnicas das populações negras e indígenas do país em desigualdades. Mesclando posições acadêmicas e militantes, os artigos do dossiê refletem sobre as polêmicas, desafios e perspectivas das ações afirmativas, como parte das políticas públicas que buscam promover a igualdade étnico-racial.

Em uma segunda parte do dossiê, são discutidos aspectos referentes às vidas de homens e mulheres negros/as no país. Os artigos tratam de mulheres negras, suas trajetórias de desigualdades no mercado de trabalho; da importante questão quilombola, envolvendo a desigualdade de condições das populações negras no tocante ao acesso à terra; das representações e atuações de homens e mulheres negros/as no cinema e na mídia televisiva do país; da participação atuante das organizações de mulheres negras no monitoramento da implementação das políticas de promoção da igualdade. Esse dossiê constitui, assim, um material que poderá subsidiar uma reflexão complexa e aprofundada sobre a questão da desigualdade racial no Brasil, em sua conjunção com as questões de gênero.

Além do dossiê, este número traz ainda uma seção de artigos temáticos organizada por Constância Lima Duarte e Zahidé Lupinacci Muzart, que trata de um tema bastante original, mulheres viajantes do século XIX, aventureiras que deixaram muitos relatos, alguns deles objeto das inspiradas análises de nossas colegas de Letras publicadas neste volume da revista.

Com profundo pesar, registramos o falecimento recente da doutora Nara Araújo, da Universidade de Havana, Cuba, que produziu um desses textos. A partir de uma aguda reflexão sobre relatos de viagens, alteridades e discurso moderno, ela se deteve sobre as memórias de viagens da Marquesa Calderón de la Barca, da Condessa de Merlín e de Nísia Floresta para ilustrar suas argumentações.

Outras viajantes, nobres e burguesas, de diferentes nacionalidades, que visitaram o Brasil ou outros povos e países, tiveram os relatos de suas aventuras e observações submetidos ao crivo dos olhares criativos das autoras que elaboraram os textos desta seção temática dedicada a pensar o outro.

Finalmente, temos a homenagem póstuma a Maria Isabel Baltar da Rocha Rodrigues, escrita por Luzinete Simões Minella, numa justa e necessária homenagem a esta feminista e estudiosa do campo dos estudos de gênero.

Gostaríamos ainda de expressar nossos agradecimentos, uma vez mais, a todas as componentes de nosso Conselho Editorial, ao grupo que forma a Editoria da Revista, a toda nossa equipe técnica e aos alunos bolsistas.

Desejamos a todas e todos boa leitura e muita reflexão.

Cristina Scheibe Wolff e Mara Coelho de Souza Lago